

## DA TRANSGRESSÃO AO NORMATIVO: LADY GAGA, RASTROS DO BARROCO NA CULTURA POP

*From transgression to normative:  
Lady Gaga, traces of baroque in pop culture*

**Fabio Parode; PhD; Programa de Pós-graduação em Design Ritter dos Reis; fparode@gmail.com<sup>1</sup>**  
**Maximiliano Zapata; Mestrando em Filosofia, Universidade de Málaga, Espanha; maximilianozapata@hotmail.com<sup>2</sup>**

**Resumo:** Este artigo busca investigar o processo de espetacularização da cantora e compositora Lady Gaga, dos anos 2010 até o presente, buscando identificar elementos de uma estética que perpassa valores transgressivos mas que, ao longo do tempo, perde intensidade, e vai expressando elementos de normatividade. De forma exploratória, buscaremos com o apoio das teorias espinosianas, foucaultianas e deleuzianas traçar um percurso que possa evidenciar os tensionamentos de uma estética dentro de um quadro de valores entre a arte de ruptura e os capitalísticos da indústria cultural.

Palavras-chave: transgressão, normativo, estética, Lady Gaga, cultura

**Abstract:** This article aims to investigate the process of spectacularization about singer and composer Lady Gaga, from 2010 to the present, seeking to identify elements of an aesthetic that crosses transgressive values but which, over time, loses intensity, and expresses elements of normativity. In an exploratory way, with the support of spinovian, foucaultian and deleuzian theories, seek to trace a course that evidence tensions of an aesthetic within a framework of values between art of rupture and cultural industry's capitalistic.

**Keywords:** transgression, normative, aesthetic, Lady Gaga, culture, fashion

### Introdução

O universo da cultura no contexto capitalístico enfrenta situações reconhecidamente mercadológicas, postulado sabiamente construído por Adorno (1985) e identificado como indústria cultural, um sistema de controle e definição das normas, mesmo que subliminares, do que pode ou não pode

<sup>1</sup> Doutor em Estética por Paris 1 – Panthéon Sorbonne; Mestre em Semiótica, Jornalista, atualmente Professor-pesquisador no PPG Design da Uniritter-RS.

<sup>2</sup> Mestrando em Filosofia pela Universidade de Málaga – Espanha.

ser edificado. Trata-se da lógica da instrumentalização ou da redução da cultura aos parâmetros de um sistema de consumo, onde a prerrogativa do lucro se sobrepõe a da qualidade e originalidade. Essa realidade, leva os agentes culturais a buscarem estratégias e inovações que muitas vezes parecem radicais e até mesmo transgressivas. Esse é o caso da cantora pop americana Lady Gaga<sup>3</sup> que chocou o público com sua aparição em público com um vestido confeccionado de carne.<sup>4</sup> O vestido da cantora foi apresentado pela primeira vez no evento de entrega do prêmio de *Vídeo Music Award* da MTV, em 2010. O mesmo vestido, alvo de inúmeras polêmicas, foi devidamente conservado e exposto no museu de Cleveland, nos Estados Unidos no ano de 2015.

Figura 1: Vestido de Carne



Fonte: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,vestido-de-carne-de-lady-gaga-e-exposto-em-museu-nos-eua,1760507>> Acesso: 14.07.2010

<sup>3</sup> Stefani Joanne Angelina Germanotta

<sup>4</sup> O vestido, formado por várias camadas de carne crua e desenhado por Franc Fernandez, foi comprado pelo museu depois da cerimônia na MTV, e guardado em um frigorífico.

Fonte: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,vestido-de-carne-de-lady-gaga-e-exposto-em-museu-nos-eua,1760507>> Acesso: 14.07.2017

Em inúmeras apresentações em seus shows e clips musicais, essa artista inovou com uma estética que, para além do convencional, estimulava a transgressão dos costumes, rompendo e criticando valores e crenças. Foi particularmente dessa forma que a cantora cativou grande parte do público jovem e LGBT<sup>5</sup> do mundo inteiro. Visivelmente, essa cantora foi além da proposta de outros cantores que a precederam, tal como Madona, que ao longo de sua carreira também trouxe inúmeros questionamentos que contribuíram com a construção do cenário contemporâneo da liberação não apenas do gênero feminino, mas também, dos gays.

Figura 2: Madona e Lady Gaga de espartilho



Fonte: <<http://dancamentos.blogspot.com.br/2010/12/>> Acesso: 16.07.2017  
<[http://www.portaisdamoda.com.br/noticialnt\\_detalhes~id~24517~fot~10~n~lady+gaga+usando+espartilho+em+premiacao+10.htm](http://www.portaisdamoda.com.br/noticialnt_detalhes~id~24517~fot~10~n~lady+gaga+usando+espartilho+em+premiacao+10.htm)> Acesso: 16.07.2017

Lady Gaga, trouxe como elemento disruptivo a estética do grotesco e da violência. Como diz Deleuze (1968, p. 44), para produzir um monstro, basta sobre-determinar o animal, fazer emergir a profundidade e dissolver a forma. A diferença mais profunda, segundo ele, é a oposição. O monstro é a oposição ao normativo. De todo modo, o monstro, seja para Deleuze quanto para Foucault está associado à diferença e ao normativo. Foucault na História da Loucura (1978), abordou o tema da diferença e do monstro frente aos processos de controle, exclusão e privilégio a partir de tecnologias sociais, tais como as instituições. Por outro lado, o autor também traz a teoria

<sup>5</sup> Sigla para identificar Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais, utilizada desde os anos 90 pelas associações ocidentais que tratam de políticas de gênero.

das micropolíticas, a tese de que o poder não está em um lugar ou forma definidas, mas que pode manifestar-se em diferentes lugares e sob diferentes formas, sendo as mais frequentes no saber, no discurso e nas tecnologias. Seria possível que a estética enquanto manifestação possa agenciar, tal como uma tecnologia, dadas forças, instituindo em algum contexto, processo de inclusão ou de exclusão, promovendo aquilo que Spinoza identificou em seu Tratado Político (2002) como paixões alegres ou paixões tristes. Dessa forma, a estética, como ponta de lança, pode inaugurar novos espaços existenciais ou pode atuar como agente difuso no contexto de algum dispositivo de repetição e controle, para que os fluxos não se dispersem. É nesse sentido que um olhar sobre a estética de Gaga, em seu processo transgressão-normatividade, e também em relação ao processo de empatia por ela provocado, nos leva a questionamentos importantes sobre a lógica cultural, envolvendo uma reflexão sobre criatividade, dinâmica disruptiva e captura pelo sistema, dentro do contexto cultural, social e econômico. Processos que seriam da ordem da reação, da potência afirmativa, como diz Nietzsche (1995), e seu percurso ao longo de uma sobre-determinação da matriz econômica e do consumo.

Figura 3: single Bad Romance



Fonte: <<https://www.discogs.com/Lady-Gaga-Bad-Romance/release/1995268>> Acesso: 16.07.2016

Pelo viés do design e conseqüentemente da moda, consideramos que produzir uma dada forma em determinado contexto, exige de sua racionalidade projeto, estratégias de inclusão e também de manutenção, ou seja, uma operação de pensamento e de escolhas, afim de afirmar sua

existência e de garantir sua permanência no tempo e espaço. Trata-se de um processo criativo, dentro do qual, o pensamento sobre a estética, cujo horizonte culmina no mercado de consumo, que no caso de Lady Gaga, é o fonográfico, um braço gigante da indústria cultural. Consideramos que em um contexto capitalístico, em nível de saturação, certas estratégias de visibilidade definem mecanismos para ampliar os níveis de intensidade seja na ordem da expressão ou no do conteúdo. Sade, no século XVIII, observando a dinâmica do desejo e das paixões no campo da sexualidade percebeu e formulou as teses sobre o papel da intensidade em sua relação com o corpo e seu sistema nervoso, e assim, através de suas experimentações, contribuiu para a construção de um pensamento sobre a economia do desejo, ampliada contemporaneamente por autores como Deleuze, Foucault, Guattari e Bataille. Trata-se do papel da intensidade no estímulo das sensações, da fruição da libido e do prazer, culminando em presença ou ausência nos corpos de forças motrizes, estimulando uma dinâmica processual que vai do embate ao conforto, liberando energias e permitindo a fruição do corpo.

Em tese, uma estética transgressiva, segue padrões de ruptura que deslocam a percepção e as sensações por canais estéticos inusitados, surpreendendo as expectativas, apresentando algo ainda não codificado pela experiência. Propõe estimular os sentidos pelas vias do imponderável, do anormal, do disruptivo, criando com isso, aquilo que Deleuze (1991) identifica como uma *dobra, uma dobra barroca*. A dobra infinita, cujas linhas ultrapassam os limites, rompem com a forma enclausurada. E essa dobra, pode ser uma das vias para o surgimento do novo, por isso, transgressão e inovação apresentam-se como fatores que se complementam. A inovação exige no seu processo criativo o olhar para além dos limites, e a transgressão é na sua prática, a ruptura com o limite, com a normatividade. Já a norma, conforme Ewald (1993) a partir de Foucault, permite que se identifique, individualize e categorize os desvios. Inovação, por sua vez, em nível de significado, aproximando-nos da perspectiva apontada por Verganti (2008).

## 1. Sobre transgressão e inclusão

Para Foucault, é na morte de Deus que a sexualidade encontra todo seu espaço de liberdade, um espaço profano onde o corpo pode gozar de toda sua potência. A transgressão no espaço ausente de Deus, transborda a animalidade, desconstruindo a justa medida do clássico, o equilíbrio forjado da tirania. A transgressão, como diz Foucault, “é um gesto que diz respeito a um limite; é aí, neste apagamento da linha, que se manifesta o brilho de sua passagem, mas talvez também sua trajetória e sua totalidade, sua origem mesmo (...) e não para de recomeçar a atravessar uma linha que atrás dela, tão logo se fecha em uma onda de pouca memória, recuando assim a um novo até o horizonte do intransponível” (FOUCAULT, 2001, p. 265).

Entretanto, em um contexto onde todos os limites já foram rompidos, como ainda assim, parecer ser transgressivo? Se a transgressão assume a dinâmica de uma estratégia dentro de um sistema de produção capitalística, onde a imagem vetoriza a subjetividade, como garantir seu lugar enquanto agente ativo dentro do cenário competitivo da indústria cultural? Seria preciso aí considerar a dinâmica do processo cultural impulsionado pelas tecnologias e mídias. De forma que a mecanização e difusão possa atingir níveis massivos. Utilizando-se de estratégias característicos do *mass mídia*, tal como o estímulo às emoções intensas e não mediatas, (ECO, 1993) promovendo uma maior integração entre o ídolo, ícone de uma liberdade expressiva, e o fã, seguidor em busca de referências. Isso ocorre especialmente nas ocasiões dos espetáculos ao vivo, nos grandes concertos onde o astro interage com seus fãs de forma mais empática. No seu show Art Rave, realizado em 2015 no Estádio Bercy de Paris, Lady Gaga promoveu a leitura de cartas de fãs e convidou alguns de seus *little monsters* a subirem no palco e interagir com ela, ao mesmo tempo em que proferia palavras de conforto e aceitação. Colocou-se ali no lugar não da Diva, mas da grande Mãe, a mãe de todos os *little monsters*. Colocou-se no lugar da grande provedora, da líder-mãe, aquela que acolhe seus filhos e promete felicidade. Instaura-se aqui um movimento interativo e comunicacional de ruptura de estruturas de distanciamento, promovendo ato quase religioso, entre Gaga e

seu público, caracterizando portanto, um momento de fraternização e ruptura de paradigma do quadro teatral: ator e público interagem no mesmo nível, ou quase, pois não houve radicalização, o ídolo permaneceu no palco e com todos os holofotes sobre si, destacando-se e continuando em seu lugar de poder. De fato o que fica evidente, é a possibilidade do jogo, do movimento do acaso que permite que alguém saia do espaço sombrio e seja escolhido para interagir com o ídolo. Seria talvez mais uma estratégia de marketing não fosse o efeito intenso provocado em seu público que eleva seu nível emocional e de empatia com a cantora, promovendo aí inovações em nível de significado, ou agenciando aí provocações que possam atuar nas subjetividades. Talvez pelas bordas algo mais do que a dinâmica de um processo mecânico que visa a expansão de seu poder de musa, mas que possa de fato estar gerando subjetividades sob outros parâmetros estético-comportamentais.

No entanto, o que de fato nos importa ressaltar é que nesse movimento, uma estética mais aberta se instaura na direção do público, buscando romper com o espaço mítico e privado da estrela. Durante o mesmo espetáculo, outro fator relevante foi a transmissão ao vivo de imagens diretamente do camarim e dos espaços do *backstage* onde a cantora antes de entrar no palco mostra-se nervosa, carinhosa com sua equipe, com seu mascote e mostra-se ainda, em determinado momento, mística, quando começa a rezar de mãos dadas com seus parceiros, fechando com os corpos um círculo. Há nesse momento comunicacional uma ruptura entre o interno e o externo do espetáculo. Uma estética que busca a ausência de fronteiras, busca rasgar o véu do distanciamento entre o astro e seu público. Gaga mostra-se visceral no sentido de expor suas entranhas, seu caminho e suas inquietações. Nessa estratégia, há sem dúvida um esforço técnico e que postula uma estética que promova Gaga mais humana e menos mítica.

## 2. O Barroco como potência

O conjunto da obra Gaga, apresenta com sua proposta, uma dada estética que, aqui definiremos entre o neo-barroco e o kit, dirigindo-se a um público específico – jovens e gays, trazendo elementos de materialidade através do design de moda, da linguagem do espetáculo, e sobretudo, através do imaginário do comportamento rebelde, diferenciado da massa informe, permitindo em nível sociocultural uma *linha de fuga* em relação aos planos supra-codificados pelas estruturas dominantes.

Uma das características do Barroco é justamente a falta de limites, a expansão ao infinito. Segundo Wolfflin (1952), o Barroco tem como uma de suas características o movimento das massas na direção do inapreensível, algo incompleto e ilimitado. Já Deleuze (1991), definiu seis características estéticas do Barroco: 1. a dobra; 2. o interior e o exterior; 3. o alto e o baixo; 4. a desdobra; 5. as texturas; 6. o paradigma. Trata-se de produção de obra infinita, de apagamento de fronteiras entre interior e exterior, do dentro e do fora, do alto e do baixo, há complementaridade constante, jamais corte, jamais texturas lisas ou percursos lineares, o que define-se como um pensamento, um paradigma que abarca a incompletude, a imperfeição, o inexato. Deleuze afirma que “a dobra diferencia-se em dobras que se insinuam no interior e que transbordam para o exterior, (...) Redobras da matéria sob a condição de exterioridade, dobras da alma sob a condição de clausura” (DELEUZE, 1991, p. 59).

Figura 4 : Barroco em Gaga



Frame do Espetáculo Art Rave, Live in Paris, 2015.

Fonte: < <https://www.youtube.com/watch?v=hAbogzTZUIU>>

Acesso: 16.07.2016

Figura 5: cabeças barrocas



Fonte: Frame do Espetáculo Art Rave, Live in Paris, 2015.  
<<https://www.youtube.com/watch?v=hAbogzTZUIU>>  
Acesso: 16.07.2016

A história nos permite afirmar que as vanguardas artísticas, na primeira metade do século XX, tinham como prática, justamente a desconstrução do antigo na busca do novo, rompendo e transgredindo com os padrões pré-estabelecidos. Esse foi o caso do cubismo, do dadaísmo e do Land Art, inicialmente, ruptura com a mimese, a seguir, com o suporte e mais radicalmente, com a instituição. *A dobra dentro da dobra; a dobra ao infinito.*

Instaura-se a partir das vanguardas o paradigma da desconstrução, visando sobretudo, a abertura do campo para a inclusão das diferenças, daquilo que não havia sido até então contemplado: inclusão das bordas, das sobras; do periférico. Segundo Deleuze, “haveria, portanto, uma linha barroca que passaria exatamente conforme a dobra e que poderia reunir arquitetos, pintores, músicos, poetas, filósofos” (DELEUZE, 1991, p. 57). Consideramos que a potência da transgressão de Gaga, encontra respaldo na estética do Barroco. Haveria portanto, um investimento social na construção da estética transgressiva de Gaga. Um investimento que rebate-se com o contexto capitalístico, ao mesmo tempo, enfrentando-o com sua diferença, mas também, estabelecendo com ele acordos, convivências em vários níveis. Conforme o filósofo, haveria também uma perspectiva barroca no capitalismo, pois este está “sempre apto a ampliar seus limites interiores (...) Eis por que as linhas de fuga são singularmente criadoras e positivas: elas constituem um investimento do campo social tão completo e total quanto o investimento contrário” (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 498).

### 3. Estética da conciliação e micropolítica

Em Guattari (1981) encontramos o conceito de micropolítica, que visa sobretudo confrontar a questão do desejo em sua relação com as dinâmicas e estruturas do campo social. Trata-se de abordar o problema da construção da subjetividade e seu rebatimento frente aos preceitos instituídos na sociedade. É nesse contexto que as tecnologias sociais e culturais atuam como agentes moduladores do desejo, da expressão, e dos possíveis campos de significação de subjetividade. Como tecnologias sociais e culturais reconhece-se a moda, o design, a arte, a comunicação entre outras. Para Guattari, o problema “não é o de construir pontes entre campos já constituídos e separados uns dos outros, mas de criar novas máquinas teóricas e práticas, capazes de varrer as estratificações anteriores e estabelecer as condições para um novo exercício do desejo” (GUATTARI, 1981, p. 174). Trata-se, sobretudo de identificar os agenciamentos que perpassam o campo social e cultural, e buscar os caminhos para a plenitude do desejo, não com castrações, no sentido psicanalítico, mas com potencialização, exercício afirmativo da vontade de saber e poder. É portanto, dessa forma que a estética, postulada pelo design, pela moda ou arte, é antes de mais nada um dispositivo, uma máquina estética que estimula no corpo sua liberação ou ao contrário, sua contenção.

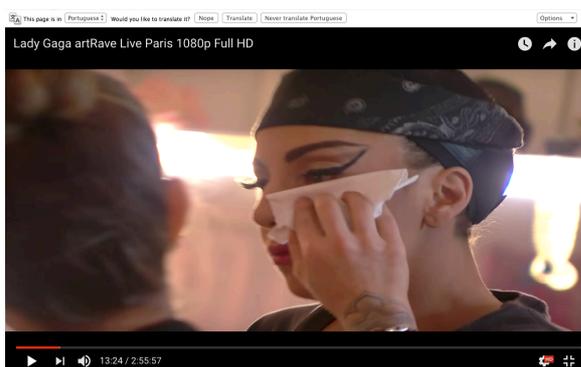
Lady Gaga, em 2015 durante seu espetáculo Art Rave, em Bercy, Paris, mostrou-se claramente movida pela empatia de sua relação com o público, com o *outro*. Durante este espetáculo, buscou por diversas ocasiões e estratégias facilitadas pelas tecnologias, sair da esfera do individual e compartilhar de si com seus *little monsters*. Teria sido essa a expressão de uma virada estética no percurso da cantora? Aqui nos interessa exclusivamente as questões estéticas, por isso, deixamos de lado as razões objetivas que podem ter levado a cantora a essa inflexão em sua carreira.

No nível das imagens conseguimos isolar um conjunto de frames do espetáculo Art Rave afim de elucidar nossa tese. Essas imagens nos permitem visualizar signos que nos remetem a valores e conceitos ligados ao processo de saída da transgressão e a passagem pelo barroco, culminando

com a presença da agonia e da morte. Esses signos serão identificados e analisados a luz do modelo teórico, sobre as características do Barroco, segundo Deleuze: 1. a dobra; 2. o interior e o exterior; 3. o alto e o baixo; 4. a desdobra; 5. as texturas; 6. o paradigma.

Na figura 6, a cantora aparece no interior de seu camarim. Ela chora e seus assistentes buscam conter suas lágrimas. Ela mostra-se sensível, vulnerável, mais humana e sofredora. As lágrimas nessa imagem são signos de uma estética do sublime, de um sentido de aniquilação e dor, de perda. Há suspensão e conflito diante do imponderável. É também através dessa imagem que a estratégia de romper os limites entre o interior e o exterior, ficam evidentes. Há uma passagem comunicacional entre o dentro e do fora, rompendo as barreiras do ícone, dramatizando e tornando-o factível ao consumo e a interação com o coletivo, conforme a segunda característica apontada por Deleuze.

Figura 6: Backstage



Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=hAbogzTZUIU>>  
Acesso: 16.07.2017

Em um momento de seu espetáculo, conforme a figura 7, a cantora passou a ler cartas dos fãs e chamou no palco um desses seguidores. Colocou-lhe uma coroa na cabeça e começou a dizer palavras de encorajamento. Assumiu nesse momento um papel fraternal, *mother monster*, buscando construir uma relação de afetividade com seus fãs. Seu nível de interação com seu público é de proximidade e troca: os fãs jogam-lhe bichinhos de pelúcia e ela os retribui com um toque de mão, um olhar mais próximo e palavras, muitas palavras. O nível seis das características do Barroco, conforme Deleuze, se faz evidente.

Figura 7: Gaga acolhendo fãs da plateia.

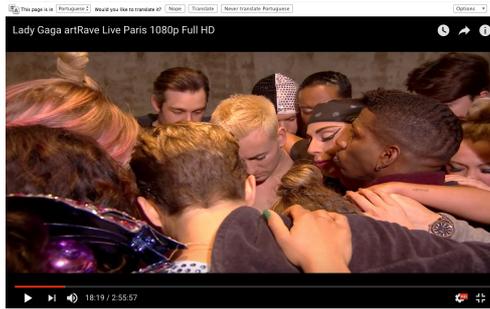


Fonte: < <https://www.youtube.com/watch?v=hAbogzTZUIU> >

Acesso: 16.07.2017

Na figura 8, Lady Gaga reúne seu grupo ainda antes de chegar ao palco. Mostra-se mística e entoa junto aos seus pares uma oração, como se estivesse prestes a entrar em uma batalha, fazendo inclusive o sinal da cruz. Por outro lado, entre os registros em audiovisual, encontramos o seu clip musical Alejandro (2009), onde a cantora ostenta de forma irreverente alguns ícones da igreja Católica: a cruz em diversas ocasiões, o rosário, a vestimenta de uma freira. Tudo é apresentado de forma a transgredir os códigos e dogmas da igreja Católica. Em Alejandro, há a representação de uma freira que engole um crucifixo, e a cantora em trajes íntimos de cor *nude*, interage de forma sensual com seus dançarinos simulando uma orgia. O cenário remete ao regime militar nazista e a dominação. É dessa forma que a figura 8 nos leva a crer que há de fato uma passagem entre a representação simbólica de contestação transgressiva e a atual representação de conciliação. Esses elementos nos levam à característica barroca do paradigma (4) e da desdobra (6). O paradigma seria da ordem do paradoxo, a ambiguidade e a desdobra identificamos na continuidade da dobra provocada pela representação de uma abordagem pagã até chegarmos na representação da abordagem da revelação mística.

Figura 8: A reza



Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=hAbogzTZUIU>>  
Acesso: 16.07.2017

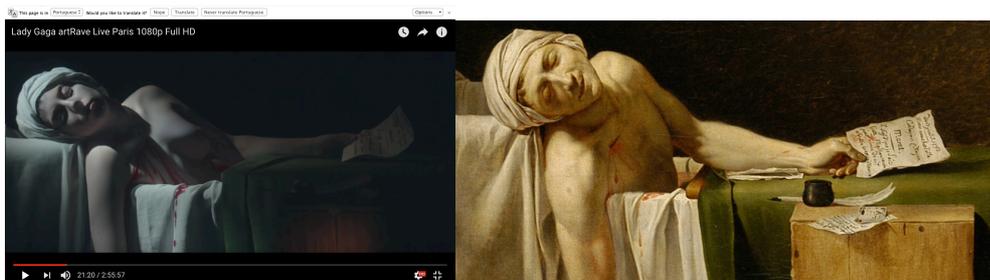
Por fim, as duas últimas imagens se complementam, pois nos trazem a cena de um mulher em suplício, amarrada de cabeça para baixo, mostrando seu corpo nu em situação de dominação. E a imagem que faz referência ao quadro *Morte de Marat*, do pintor francês do século XVIII, Jacques Louis David, mostra o encerramento, o destino, a morte, o inevitável. Percepção da condição trágica, da finitude, tal como abordado por Nietzsche em A origem da tragédia.

Figura 09: O suplício



Fonte:< <https://www.youtube.com/watch?v=hAbogzTZUIU> >Acesso: 16.07,2017

Figura 10: Morte



Fonte: < <https://www.youtube.com/watch?v=hAbogzTZUIU>> Acesso: 16.07.2017

## Considerações finais

Buscamos ao longo deste artigo discorrer sobre o processo de espetacularização e a estética de Lady Gaga ao longo de sua carreira desde 2010 até o presente, tendo como objeto um conjunto de signos expressos em peças da produção de Lady Gaga, em seus espetáculos e clips musicais. Ilustramos seu processo desde sua primeira aparição com um vestido de carne e buscamos identificar através de imagens extraídas de seu show Art Rave em Paris (2015) e do clip Alejandro, seu discurso, seus contraditórios e paradoxos. Ilustramos sua abordagem transgressiva e também a conciliatória. Identificamos seu viés estético alinhado a uma perspectiva barroca. De fato, o Barroco revelou-se como a estrutura estética dominante, nos shows e clips assim como em sua vestimenta e maquiagem. Há redundância com relação as referências religiosas, revelando crítica e oposição, no entanto, de forma mais íntima, as práticas exotéricas passaram a acompanhar a cantora e a fazer parte de seu repertório discursivo. Este artigo não pretendeu exaurir as questões entorno da estética barroca em Gaga, tampouco enquadrar o processo de finitude do modelo transgressivo como um aspecto negativo. Apenas buscou ilustrar e refletir sobre dados objetivos com relação a estética, evitando qualquer julgamento de valor.

## Referências

- ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ECO, U. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1993.
- EWALD, F. *Foucault, a norma e o direito*. Lisboa: Vega, 1993.
- DELEUZE, G. E GUATTARI, F. *O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. De Luis B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2010.

- DELEUZE, G. Différence et répétition. Paris: Presses Universitaire de France, 1968.
- DELEUZE, G. A dobra: Leibniz e o Barroco. Campinas, São Paulo: Papirus, 1991.
- FOUCAULT, M. A ordem do discurso. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.
- FOUCAULT, M. História da loucura. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1978.
- FOUCAULT, M. Microfísica do poder. São Paulo: Graal, 2008.
- FOUCAULT, M. Dits et écrits I, 1945-1975. Paris: Gallimard, 1994.
- GUATTARI, F. Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1981.
- NIETZSCHE, F. La volonté de puissance II. Paris: Gallimard, 1995.
- NIETZSCHE, F. A origem da tragédia. São Paulo: Editora Moraes, s.d.
- SPINOZA, B. Traité politique. Paris: Librairie Générale Française, 2002.
- VERGANTI, R. Design Driven Innovation: Changing the Rules of Competition by Radically Innovating What Things Mean. Boston: Harvard Business Press, 2009.
- WOLFFLIN, H. Conceptos fundamentales de la historia del arte. Madrid: Espasa-Calpe, 1952.